

# Amigos de Deus e profetas

Carta do Abade Geral para o Natal 2016



Queridos Irmãos e Irmãs cistercienses,

Com a Carta de Natal alegro-me sempre de poder vos alcançar em qualquer lugar onde vos encontrais, ao momento de iniciar um novo ano litúrgico e de reviver a alegria, pela qual, Deus se fez homem e veio caminhar conosco, no tempo. Recebeis os melhores desejos e a gratidão que não consigo expressar pessoalmente, em ocasião das próximas festividades, se não na oração. O Natal anuncia-nos que tudo aquilo que vivemos de feliz ou doloroso, está agora com Jesus que nos concedeu vivê-lo, fazendo experiência do seu amor, sua verdade, sua beleza, e Nele do amor, verdade e beleza do Pai, na comunhão do Espírito Santo.

Certamente, também neste ano tivemos muitos sinais da presença do Senhor. Mesmo em meio a tantas tragédias e feridas sangrentas da história do mundo, das comunidades e pessoas, ninguém é abandonado pelo Deus que não somente fez-se homem, mas que desejou sofrer, morrer e ressuscitar para estar sempre conosco.

E quando fazemos, realmente, experiência que Ele está conosco, não podemos deixar de sentir o Seu desejo de estar com todos, de alcançar e acolher cada homem, cada coração, especialmente os mais solitários, abandonados e sofridos.

## Momentos de comunhão

Neste ano, também, não faltaram momentos de comunhão que nos enchem de gratidão. Após o encontro extraordinariamente fraterno do Capítulo Geral de 2015, que não devemos esquecer, 50 superiores e superioras da Ordem renovaram esta experiência durante o Curso para Superiores, do mês de julho. A fraternidade, a *lectio divina* compartilhada, o escutar quem nos transmitiu a própria experiência e sabedoria, e o diálogo construtivo entre pessoas tão diferentes pela sensibilidade, idade, cultura, nos confirmou, mais uma vez, na maravilha de quanto uma mesma vocação nos una mais que tudo. E esta mesma vocação é, acima de tudo, a de seguir Jesus Cristo, de ouvir a sua Palavra, de receber Dele a graça de sermos filhos do Pai e, portanto, irmãos e irmãs

de todos. Este ano, fomos ajudados por toda a Igreja, sob a direção estimulante de Papa Francisco, a compreender melhor que tudo é experiência da misericórdia de Deus. Com os superiores reunidos para o Curso, como depois, com os jovens monges e monjas do Curso de Formação Monástica, aprofundamos o tema e a experiência da misericórdia, também com os mesmos gestos de peregrinação, passando juntos pela Porta Santa do Jubileu. Para mim foi significativo o fato que a primeira Porta Santa que passei este ano não foi de uma basílica romana, mas a de um grande santuário mariano no Vietnã, durante minha visita de cinco semanas a todos os nossos mosteiros.

Creio que para todos este Jubileu foi uma ocasião de renovada experiência da misericórdia, que certamente deixa vestígios em nossa consciência, mas espero também no viver nossa vocação e missão, e nas relações fraternas nas comunidades e com aqueles que encontramos.

### **Da misericórdia nasce a amizade de Deus**

Nesta carta gostaria de enfatizar um aspecto da misericórdia de Deus, que penso deveria nos ajudar a continuar um caminho, como o Santo Padre o deseja para toda a Igreja (cf. Carta Apostólica *Misericordia et misera*).

O que nos resta viver depois de experimentar a misericórdia?

Pensemos ao Evangelho. O que viveu Mateus depois que Jesus o chamou olhando-o com misericórdia? O que viveu Zaqueu depois que Jesus quis entrar em sua casa? O que viveu a Madalena depois de ser libertada dos sete demônios? O que viveu Dimas, o "bom ladrão", depois que Jesus o prometeu o paraíso? O que vivia Pedro depois do perdão de sua negação? E São Paulo? E Santo Agostinho? E São Francisco? E todos aqueles que, de uma forma ou de outra, fizeram experiência da misericórdia de Deus encontrando Jesus: O que aconteceu depois?

No fundo, a resposta é simples: viveram a amizade com Cristo. A experiência da misericórdia suscitou uma relação de amizade com Jesus. Ou melhor: a experiência da misericórdia continuou para eles como relação de amizade. Para eles, a amizade com Cristo, experimentada como misericórdia, como um olhar de amor que perdoa e redime, tornou-se caminho, tornou-se a forma e essência da vocação, do seguimento de Jesus, e também tornou-se missão, a missão de suas vidas: viveram para isto, com o desejo e o empenho de viver esta amizade, de testemunhá-la, de comunicar a todos esta experiência, esta graça.

No fundo, a Igreja nasceu e cresce assim, como uma experiência de amizade com Cristo e em Cristo, que sempre se renova e comunica a todos. A amizade com Cristo é a essência da Igreja, da santidade. A amizade com Cristo é a felicidade dos remidos.

Mas em que consiste a amizade de Cristo?

Esta é, antes de tudo, amizade com Deus. E Deus é Deus, isto é, onipotente, eterno, misericordioso. A amizade com Deus é verdadeira, se gera uma vida determinada pela fé como confiança Nele. Uma amizade constante, porque Deus é eterno e sempre presente. Uma amizade que dá paz, porque Deus é bom e providente. Uma amizade que

não teme, porque Deus é onipotente. Uma amizade aberta a todos, universal, porque o amor de Deus é para todos. Uma amizade misericordiosa, porque Deus é misericordioso. Uma amizade que nos faz crescer, que nos torna responsáveis, porque Deus cria e ama a nossa liberdade, e deseja ser amado livremente.

### **Não vender a pobreza**

Porém, vemos que muitas vezes, nos falta todas estas características da amizade com Deus em Cristo, que não as possuímos permanentemente, que as perdemos diante das provações da vida ou as esquecemos quando tudo vai bem. Nós, assim como Pedro, muitas vezes renegamos esta amizade e, às vezes, como Judas, a traímos por pouco dinheiro, para ganhar valores efêmeros, bens que passam, ou simplesmente porque o nosso plano, orgulho, tempo, conforto, talentos, vaidade, são de fato mais importantes para nós, que a comunhão com Jesus.

Uma frase um pouco misteriosa de um sermão de São Bernardo, me fez refletir muito: "Ai de nós se nos alegrássemos com aquilo que não está em Cristo e por Cristo! Ai de nós, se oferecêssemos uma pobreza que ainda se pode vender! - *Vae nobis si exultaverimus, nisi in Christo et pro Christo! Vae nobis, si vendibilem obtulerimus paupertatem!*" (*De diversis* 21,3).

Faz parte da amizade encontrar alegria no outro, exultar pelo amigo, assim como Maria, amiga de Deus por excelência, exulta em Deus, seu Salvador (cf. Lc 1,47), ou como João Batista, "amigo do Esposo" exulta de alegria pela sua voz, e testemunha que esta sua alegria é plena (cf. Jo 3,29). Se não encontramos alegria plena em Cristo, não somos seus amigos. E a pobreza, o deixar tudo por Ele, torna-se uma mentira, se das nossas renúncias esperamos "ganhar" além do que o próprio Jesus, que a sua amizade. Foi esta pobreza absoluta, que escolheu São Paulo: "Julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e considero lixo, a fim de ganhar Cristo." (Fl 3,8)

Todos temos, dentro de nós, a tendência de "vender" a nossa pobreza, a nossa renúncia por Cristo, para ganhar mais do que o próprio Cristo. Também os apóstolos, que, apesar de terem deixado tudo imediatamente para segui-lo, queriam "ganhar" de serem os maiores, ou que Jesus manifestasse a sua potência para afirmar-se politicamente. Ao invés, Jesus quer nos dar "apenas" si mesmo, como o vemos na manjedoura de Belém ou na Cruz.

A vida, porém, não nos dá trégua, nos coloca sempre à prova. Também nosso coração sempre nos coloca à prova, e nos pede conta da nossa felicidade, da nossa realização, da plenitude que cremos viver. A vida nos pergunta sempre: "Tem certeza de ser feliz, realizado, em paz, sem a amizade vivida com o Senhor? Tem certeza de ser feliz, tentando ainda ganhar algo que não seja Cristo, agora que escolheu viver e professar uma pobreza que deveria anunciar a todos, que vive somente por Ele, por uma alegria que se encontra somente Nele?". Por que é esta a amizade de Cristo: um tesouro, uma pérola, por isso se pode perder tudo, porque Nele se tem tudo.

Não devemos nos escandalizar muito das nossas traições na preferência de Cristo. Para o Senhor, todas as nossas infidelidades são ocasiões, sempre novas, para nos fazer experimentar, com fascínio e gratidão, quanto Ele nos permanece fiel, e quanto a oferta gratuita de sua amizade, nunca acaba. Jesus nunca se cansará de bater na porta para entrar, e assim viver a amizade conosco, mesmo se demoramos para abrir, mesmo se O "jogamos para fora" por negligência, para deixar entrar outros convidados, ou para transformar a mesa de nosso coração e de nossa vida, em um restaurante de luxo onde se paga para comer, onde recebemos clientes ao invés de amigos, ao invés d'Ele... Jesus não se cansa de bater na porta, pobre peregrino que não tem mais nada a nos oferecer que a sua amizade.

### **A ascese da amizade**

Então entendemos que a amizade com Cristo não pode ser vivida instintivamente, de forma sentimental: necessita empenho, trabalho, ascese. A graça é gratuita, mas da gratuidade de Deus nasce um trabalho para corresponder, para abrir-nos à esta. A amizade com Cristo deve ser exercida se quisermos que cresça; deve ser escolhida e preferida, se quisermos que preencha a nossa vida e o nosso coração mais que tudo.

Por que não entender toda a Regra de São Bento como uma escola ou oficina de amizade com Cristo e em Cristo? Não é talvez aquilo que nos sugere São Bento no final do Prólogo? "Mas, com o progresso da vida monástica [*conversationis*] e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus." (Pról. 49)

Esta é uma definição dinâmica da amizade com Deus: um caminho, uma corrida, no ardor de um amor que a partir do coração envolve toda a vida, vivida na verdade e bondade que Deus deseja de nós, revelando-nos a sua vontade e dando-nos a sua Palavra e o seu Espírito.

Este, porém, é fruto da fidelidade a um caminho na *conversatio* monástica, de um caminho, isto é, acompanhado por uma comunidade assim como a Igreja e o nosso carisma nos oferecem. Mas o importante não é viver o caminho que nos oferece a Igreja e cada comunidade, para viver a mais e mais que a amizade de Cristo. Na amizade de Cristo se pode viver tudo, e tudo é dilatado, valorizado e unificado, se o vivemos na amizade de Cristo; mas nada deve substituir este tesouro ao centro de nossa vida. São Bento nos adverte para não "preferir nada ao amor de Cristo", porque somente Ele "nos conduz, todos juntos, para a vida eterna", à plenitude da vida (RB 4,21 e 72,12).

A comunidade nos foi dada para isto, para cultivar, prioritariamente, entre irmãos e irmãs esta amizade, que é fonte da vida eterna no tempo quotidiano. E o campo fundamental deste trabalho comunitário, são as relações na comunidade. Uma comunidade é cristã, e também monástica, se a busca da amizade fraterna tende a crescer na experiência da amizade com o Senhor.

Tudo está circunscrito e condensado nas palavras de Jesus na Última Ceia:

"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai." (Jo 15,12-15)

A amizade de Cristo, escolhida e cultivada na obediência ao seu desejo que exista uma amizade fraterna entre nós, abre-nos ao conhecimento de tudo aquilo que o Filho ouve do Pai, na comunhão do Espírito. Não pode existir experiência humana e mística maior, mais importante e entusiasmante, porque isto significa que o amor fraterno, na amizade de Cristo, nos torna participantes da Vida trinitária de Deus.

Cultivamos isto entre nós, em nossas comunidades? Cultivamos isto entre as comunidades da Ordem e entre os superiores, que muitas vezes se esgotam na solidão e na angústia, diante de suas responsabilidades? Oferecemos esta experiência para os que desejamos formar à nossa vocação, ou a todos aqueles, que de uma forma ou de outra, estão unidos à nossa comunidade e experiência? Irradiamos isto para a Igreja, para quem vive na linha de frente o empenho da missão, do testemunho no mundo, na vida familiar, no trabalho, no compromisso social e político? Oferecemos isto ao mundo sem amor, dilacerado por tantas divisões e violência, conturbado por tantos terrores?

### **A profecia da amizade de Cristo**

Papa Francisco não cessa de chamar a todos, e em particular os religiosos, a viver a sua missão profética no mundo de hoje. A este respeito, me leva a meditar muito um versículo do Livro da Sabedoria:

"Embora única [a sabedoria], tudo pode;  
imutável em si mesma, renova todas as coisas.  
Ela se derrama de geração em geração nas almas santas  
e forma amigos de Deus e profetas." (Sb 7,27)

Ser profetas significa expressar Deus, confessar Deus perante o mundo. O profeta é testemunha do que Deus lhe concede conhecer e experimentar, a fim de que o mundo possa conhecer e, a sua vez, experimentar. A verdadeira profecia de um cristão é o testemunho de uma experiência. A nossa profecia nasce da experiência da misericórdia, da experiência do encontro com Jesus que nos acolhe e perdoa, com a sua amizade. A nossa profecia condiz então com a graça de sermos amigos de Deus, amigos de Cristo. "Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai." (Jo 15,15). Na amizade com Cristo, nós experimentamos tudo o que o Pai diz ao Filho, e que o Filho nos diz, para que testemunhemos ao mundo inteiro: "Assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim." (Jo 17,21-23)

Cada comunidade, desde a primeira comunidade de Jerusalém, foi quista por Deus e vive no mundo, mesmo da clausura de um mosteiro, para ser profecia da Trindade, da Comunhão de Amor, isto é, da Amizade, que está em Deus e que em Cristo nos envolveu, para poder envolver toda a humanidade. Foi um dos nossos padres cistercienses, São Elredo de Rievaulx, que ousou sugerir, parafraseando São João, que "o próprio Deus é amizade" (cf. *A amizade espiritual*, I, 69-70).

A profecia, porém, não acontece sozinha. É graça, mas somos chamados a corresponder à escolha gratuita de Deus. E isto começa pelo viver, nós mesmos, a experiência que somos chamados a testemunhar, pois caso contrário seremos testemunhas vazias e falsas.

Se Deus nos escolheu para sermos profetas de amizade com Ele, a fidelidade à nossa vocação e missão implica em nos concentrar, real e prioritariamente, na experiência da amizade de Cristo. Reafirmo que já São Bento nos pede isto, e o carisma de Cister consiste, precisamente, no concentrar-se sobre esta experiência. A comunidade nos foi dada para isto, e por isso não há comunidade se não houver uma ajuda recíproca no aprofundar a amizade de Cristo, na caridade fraterna, na mesma oração simples e bonita, no humilde serviço recíproco, no diálogo em que ouvimos, juntos, o Espírito Santo e o Verbo de Deus, na obediência a qual nos deixamos acompanhar pelos superiores e pelos irmãos e irmãs para seguir Jesus de perto, isto é, como amigos e não somente como servos ou soldados. Também o silêncio, aquele verdadeiro, é uma ajuda que podemos nos dar para sentir o suave e respeitoso bater de Cristo à porta do nosso coração, da nossa vida, da própria comunidade, chamada sempre a receber o Amigo que vem, sob todas as formas de sua divina e humana Presença.

Peçamos ao Espírito, neste Santo Natal, para renovar em nós, em toda a Ordem, a graça e a missão de sermos amigos e profetas de Cristo Senhor!

Obrigado pela profecia da vossa amizade!



*Ir. Mauro-Giuseppe Lepori*  
*Abade Geral OCist*